

Em memória de Helmi Nasr – pioneiro dos estudos árabes no Brasil

Aida Hanania¹
Jean Lauand²

Resumo: Notas de conferências no “XXI Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação” (dedicado a homenagear Helmi Nasr), em memória do mestre.

Palavras Chave: Helmi Nasr. Universidade de São Paulo. Estudos Árabes. Brasil e mundo árabe.

Abstract: Notes of lectures at the “XXI Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação” (dedicated to the memory of Helmi Nasr), in homage to the Professor.

Keywords: Helmi Nasr. Universidade de São Paulo. Arabic studies. Brazil and Arab world.

Em 26 de novembro de 2019, faleceu no Cairo, o Prof. Dr. Helmi Mohamed Ibrahim Nasr (nascido em 22/3/1922) que, em 1962, fundou o Curso de Língua e Literatura Árabe na USP. Em Junho de 2015, pouco antes de regressar a sua terra natal, após 53 anos de Brasil, nosso Centro realizou o “III Encontro Cemoroc Educação: Cultura Árabe - Homenagem ao Prof. Dr. Helmi Nasr” (<http://www2.fe.usp.br/%7Eecemoroc/page06s.html>)



Helmi Nasr no Seminário que o homenageou antes de seu regresso ao Egito

Hoje, o clima de nostalgia e imensa saudade nos leva naturalmente a relembrar a longa e exitosa trajetória que construiu em nosso país. E é com emoção que nos sabemos privilegiados por termos desenvolvido grande parte de nosso percurso acadêmico e profissional ao lado do mestre e estimulados por ele.

¹. Professora Titular do DLO-FFLCHUSP (aposentada).

². Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br.

Nesse ponto, é interessante recuperar o contexto da época em que chegou aqui o jovem professor Nasr e particularmente, o contexto da USP e de sua então Faculdade de Filosofia Ciências e Letras.

A USP, fundada em 1934, era em 1962, uma universidade muito jovem de um país que, instalado em séculos de atraso, começava a viver grandes mudanças econômicas e culturais. O clima era de efervescência de desenvolvimento econômico com a Novacap, como então era chamada Brasília. O Brasil vinha se afirmando nos esportes: bi-campeão mundial de futebol, bi-campeão mundial de basquete, as brilhantes conquistas no tênis com Maria Esther Bueno, Éder Jofre despontando como o “galo de ouro”. No cinema, a conquista histórica da Palma de Ouro em Cannes com “O Pagador de Promessas”. Na música, o boom da Bossa Nova. No plano internacional, a consagração de Oscar Niemeyer.

A então FFCL da USP, minúscula se comparada com a atual FFLCH, concentrava uma incrível densidade de professores destacados: Antonio Candido, Aziz Ab'Saber, Eurípedes Simões de Paula, João Cruz Costa, Florestan Fernandes, dentre tantos outros!

Naquele tempo, a imagem e o conhecimento que o brasileiro tinha do mundo árabe era muito diferente de nossos dias: não se falava de islamismo nem de muçulmanos, não havia nada parecido com o protagonismo exercido hoje – pós Opep – pelos países árabes. Eram uns países remotos, indiferenciados e exóticos, alguns ainda colônias... atrasados, inexpressivos, ou dominados por potências ocidentais (1962 é o ano da independência da Argélia). Os numerosos imigrantes e descendentes em São Paulo – sírios e libaneses – ainda eram conhecidos como “turcos”; eram, em sua maioria, cristãos. Grande parte era de comerciantes instalados na 25 de março e muitos residiam no bairro do Paraíso. Eram raríssimos os restaurantes árabes... Nem em sonho, a profusão de hoje!...

Um pouco mais conhecido era o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, com sua forte política nacionalista, um dos líderes do “movimento terceiro-mundista”, que enfrentara o poderio francês e britânico na guerra de Suez e que terá decisiva importância para a história dos estudos árabes no Brasil.

Quem considera as dificuldades e delongas para a contratação de professores na USP e na FFLCH, ficará assombrado com o modo como foi criada a “Seção de Estudos Orientais”, em 1962, inicialmente instalada junto ao Curso de História, sob a direção do grandioso Eurípedes Simões de Paula.

Na verdade, o próprio Professor Nasr gostava de rememorar, vez por outra, as circunstâncias que o trouxeram para cá.

Concluídos seus estudos universitários na França, voltou ao Cairo e foi nomeado professor na área de tradutologia e tradução francesa na Faculdade de Línguas Estrangeiras da milenar Universidade de 'Ayn ash-Shams. Mal iniciara suas atividades docentes (começos de 1962), quando foi notificado de que sua Universidade recebera a solicitação de um professor de Árabe para São Paulo. Na verdade, Jânio Quadros, quando assumiu a presidência, foi visitar os líderes orientais da época: Gamal Abdel Nasser – que então gozava de enorme prestígio em todo o mundo –, Nehru e outros. Voltando ao país, cheio de admiração por esses estadistas, decidiu criar no Brasil, estudos orientais e pediu à Universidade de São Paulo que criasse esses cursos. A USP, em atenção ao pedido do presidente, resolveu criar sete cursos: árabe, hebraico, sânscrito, japonês, chinês, armênio e russo; e contactou os países correspondentes, em busca de professores que se dispusessem a vir para cá. Nessa época, os países árabes credenciados no Brasil eram três: Síria, Líbano e Egito. A USP escreveu para esses três países, mas só o Egito respondeu afirmativamente.

Entretanto, havia uma dificuldade para o atendimento ao chamado de São Paulo, pois não havia ninguém que dominasse a língua portuguesa. Pressionado pela insistência do presidente egípcio, o diretor da Faculdade resolveu propor ao Prof. Nasr, que viesse ao Brasil: afinal, o domínio do francês, língua neolatina, facilitaria o aprendizado de português. Para sorte nossa, a vinda ao Brasil se concretizou. Assim, graças ao empenho de Nasser e Nasr, São Paulo finalmente ganhou um espaço de excelência à altura de sua colônia árabe (que até então ocupava uma boa posição econômico-social, mas era carente de um núcleo de estudos que dinamizasse sua língua e sua cultura).

Quando se fala da criação da USP e de seu núcleo essencial, a FFCL, fala-se em “missão” de professores europeus, sobretudo em “missão francesa”. O Prof. Nasr foi, anos depois, a “missão árabe”: anos heróicos, um jovem professor, sozinho durante anos, devotando-se à missão de, a partir do árabe, estabelecer a abertura para a totalidade do humano, que é, afinal, a própria essência da *universitas*.

Impossível não lembrar das dificuldades que nos acompanharam durante tanto tempo: a falta de verba crônica dos primeiros anos: verba para a contratação de docentes, para equipamentos... etc. Os Cursos de Orientais eram tidos como “exóticos” e novos (mesmo aos dez ou quinze anos de idade...) na Universidade, por isso podiam esperar...

A dificuldade de publicação nos acompanhou por muito tempo: tratava-se de matérias sem grande “valor comercial”, portanto raras editoras assumiam a edição de Estudos Orientais.

O Laboratório de Línguas que nos foi doado pela Arábia Saudita, graças a suas gestões, aguardou anos para instalação: não havia verbas para isso, tampouco espaço para abrigá-lo.

Mas... naqueles começos, os estudantes atentavam mais para outros aspectos: quem passava pela sala 11 da velha Maria Antonia, tinha a oportunidade de encantar-se com a extrema amabilidade, generosidade, hospitalidade e refinada elegância do professor recém-chegado “das Arábias”. Sua voz cálida e seu sorriso largo nos acompanhariam desde então, até sua partida...

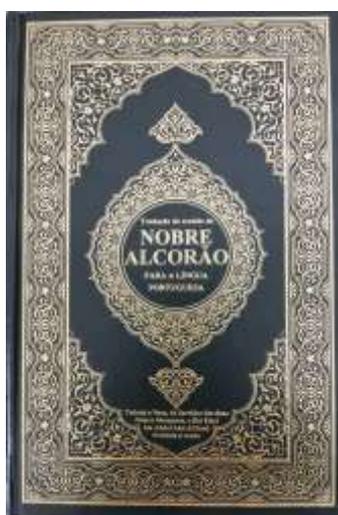
Nasr, profundamente religioso (discretamente, sempre manteve na USP seu tapete para orações) e herdeiro das multimilenares tradições muçulmana e egípcia, sempre foi uma fonte de serenidade, sensibilidade e sabedoria (a famosa sabedoria oriental) para com seus colaboradores: ante aflitivas situações acadêmicas ou perversas manobras de algum colega, mantinha-se imperturbável para atinar com a melhor solução, sem se deixar contaminar por (justificáveis) iras. A constante imagem que temos dele, após todos esses anos, é a de um otimismo que por nada se deixava abater, de um franco sorriso e de uma paternal afetividade. Sua obstinação em perseguir suas metas, orientada pela certeza de que “Deus não permite que se perca o esforço de cada um” é o que o movia e lhe dava força para continuar...e seu exemplo foi fundamental para todos nós.

Sua generosidade é ampla e incomensurável. No final dos anos 80 e começo dos 90, sob sua orientação, lançamos – Nasr e os autores deste artigo – um ambicioso projeto editorial, que contou com colaboradores do porte de um Roshdi Rashed, Miguel Cruz Hernandez, Hassan Massoudy (o maior calígrafo árabe do mundo), Evanildo Bechara, Jamil Almansur Haddad, Milton Hatoum, Josef Pieper etc: a *Revista de Estudos Árabes*, a revista *Collatio* (desde o começo em importantes indexadores e bases de dados internacionais, em parceria com o prestigioso Departamento de Estudios Arabes da Universidad Autónoma de Madrid) e dez livros da colção *Oriente e Occidente*. Era um volume e uma qualidade muito acima das possibilidades de nosso Centro de Estudos Árabes, que não contava com nenhuma

verba oficial. Conseguíamos financiamento como podíamos e quando não, o Prof. Nasr se adiantava a pessoalmente amparar esses projetos.

Nessa mesma época, empenhou-se, com os autores, em outra árdua missão, a criação do curso de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe e mesmo depois de aposentado (compulsoriamente em 1992), continuou trabalhando voluntariamente nesse Curso, desde o começo muito mais fruto do sacrificado empenho pessoal nosso, do que de apoios institucionais...

Outros trabalhos importantes do Prof. Nasr foram a publicação do primeiro *Dicionário árabe-português*, a tradução para o árabe de *Novo mundo nos trópicos* de Gilberto Freyre e sua maior obra, a monumental tradução, única em nossa língua feita diretamente do árabe, do *Alcorão* (ou, como querem os muçulmanos, “explicação do sentido do Alcorão em Português”, pois para eles, o livro sagrado é indissociável da língua árabe), com preciosas notas. Esse trabalho, entre tradução e revisões pela Liga Islâmica Mundial em Meca, durou 22 anos e foi finalmente publicado em 2005, pelo “Complexo do Rei Fahd”, a instância mais oficial do islã.



Sua carreira como homem de paz e integração (dois dos significados do radical árabe s-l-m, de palavras tão fundamentais como *islam* e *salam*) foi coroada em 2007, quando passou a integrar o seletor grupo (21 membros) do Conselho dos Sábios, instância máxima de eruditos da Liga Islâmica Mundial.

Mesmo para os não crentes, o Alcorão contém intrigantes profecias, como a (sura 6,65) de que Allah pode castigar “por cima e por baixo”(descendo fogo como em Sodoma e Gomorra; ou abrindo as águas do Mar Vermelho, que afogaram o povo do Faraó), ou confundindo os árabes em seitas e divisões, de modo que uns experimentem a fúria dos outros. Mas Helmi Nasr cumpriu outra profecia: aquela em que Allah confia aos árabes (2; 143,142) a missão de serem “povo do meio”, mediadores entre Oriente e Ocidente.

É essa mediação de sabedoria e paz, nos dois sentidos (Nasr, apaixonado pelo Brasil, foi um autêntico embaixador de nossa cultura junto ao Mundo Árabe) que queremos destacar nesta mais do que merecida homenagem, que este Seminário do Cemoro da Faculdade de Educação quer lhe prestar.

Recebido para publicação em 12-02-20; aceito em 03-03-20